



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

FESTA DO CAPITÃO DO MASTRO: UM OLHAR PARA PRÁTICAS CULTURAIS DOS FESTEJOS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, EM NATIVIDADE, TO¹.

Noeci Carvalho Messias

Fundação Universidade do Tocantins

E-mail: noecimessias@hotmail.com

Desde os primeiros séculos de colonização as festas religiosas se configuram como espaço de interação social para parte da população brasileira. As práticas religiosas eram marcadas por efusivas manifestações de fé e fraternidade comunal perpetuando as religiosidades populares. Assim, em uma época em que as grandes distâncias separavam a população e os meios de transportes eram incipientes, os vilarejos e as cidades tornavam-se palco de intensas práticas de sociabilidades possibilitadas pelas festas religiosas.

Na obra *A cristandade colonial: mito e ideologia*, Riolando Azzi (1987, p. 66-68) ressalta que a importância da religiosidade como elemento de coesão social e de aglutinação de diversos povos, constitui “em uma das mais difundidas formas utilizadas pelo ser humano em seu esforço de sobrevivência neste mundo ‘dado’, diante do qual ele se sentia totalmente frágil e indefeso”. Azzi destaca que, no Brasil colonial, “pelo menos eventualmente, as festas religiosas populares assumiam um caráter de protesto simbólico contra a opressão”:

Nesse universo profundamente sacral, típico da sociedade colonial, as festas religiosas multiplicavam-se com muita frequência. Essas celebrações constituíam uma forma de restabelecer a confiança na vida, diante de tantas inseguranças geradas pela fragilidade dos instrumentos humanos para enfrentar os obstáculos da natureza. Mas, sobretudo, eram um elemento fundamental para que despontasse e florescesse a esperança na vida, no

¹ O presente texto é, em parte, extraído da pesquisa que realizei durante o doutorado em História, pela Universidade Federal de Goiás, intitulada – *Religiosidade e devoção: as festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade, Tocantins*.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

imenso território transformado num vasto “campo de concentração”² humana mediante o sistema escravocrata vigente.

O mesmo autor enfatiza que no Brasil colonial as festividades religiosas assumiram importância fundamental, sendo instrumento significativo de comunicação social, uma vez que grupos de devotos dispersos pelo território afluíam para os pequenos ou grandes centros urbanos a fim de festejar seus santos e invocar sua proteção. Nestas ocasiões, homenageavam os santos realizando cerimônias eclesiais, faziam romarias e procissões, acendiam fogueiras nos quintais, soltavam fogos de artifícios, os músicos tocavam nos coretos, comiam e bebiam fartamente, além de dançarem e bailarem de dia e pela noite adentro.

Natividade localizada na região Sudoeste do Tocantins é a mais antiga cidade desse Estado, representando singular importância no passado histórico do antigo Norte goiano. Os aspectos históricos desse município estão presentes na sua arquitetura colonial, nos inúmeros festejos religiosos, nas diversas manifestações culturais, bem como nos saberes e nos fazeres da gastronomia e do artesanato. Chamados de nativitanos, os moradores há tempos participam anualmente de celebrações, festas e folguedos, que simbolizam espiritualmente a vivência do trabalho, da religiosidade e do entretenimento da vida cotidiana. Há inúmeros exemplos de celebrações e manifestações realizadas no espaço urbano e no entorno da cidade, que demarcam referências identitárias locais e regionais, além de favorecerem práticas de interação social. A festa do Divino Espírito Santo constitui um dos eventos religiosos que movimentam de maneira significativa a vida social de Natividade, representando no cenário do município a maior referência religiosa e cultural, isto é, com maior visibilidade e manifestação de orgulho para significativa parte da comunidade local. Mostrarei neste texto a performance realizada durante a festividade do capitão do mastro, oficiada na noite do sábado que antecede a festa de reinado do imperador do Divino, no Domingo de Pentecostes. O festejo do capitão do mastro é regado com danças, cantorias, comidas, bebidas e fogos de artifícios, ocupando um lugar de destaque no interior das festividades do Divino, configurando-se em uma festa à parte.

² O grifo é do autor.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A festividade do Divino Espírito Santo³ consiste em uma representação que se reporta ao período colonial e imperial. Foi nos tempos de D. João VI que foram transplantadas para a colônia brasileira o ritual da Casa dos Bragança, que, como observa Schwarcz (2001, p. 34), incluía uma agenda de festas, cortejos, uniformes e titulações. Ao longo do tempo, o festejo do Divino se tornou tradição em várias cidades brasileiras.

No Tocantins é realizada em vários municípios, especialmente na região Sudeste e Central do Estado, entre eles Almas, Santa Rosa, Chapada da Natividade, Peixe, Silvanópolis, Paranã, Silvanópolis, Conceição do Tocantins, Porto Nacional, Araguacema, Araguaçu, Monte do Carmo e Natividade. Cada localidade agregou valores, características e costumes da realidade local, mantendo o cerne da celebração, que teve origem no catolicismo ibérico.

No município de Natividade esta festa compõe-se de um conjunto de rituais religiosos controlados pela Igreja Católica, como o giro e os pousos das folias, que percorrem o sertão durante quarenta dias, anunciando a presença do Divino Espírito Santo, conduzindo a bandeira em uma verdadeira missão religiosa. O reinado do imperador, o levantamento de mastro, a festa do capitão do mastro, e as missas solenes são apenas algumas entre diversas manifestações que se realizam durante os festejos.

³ Segundo o historiador português Moisés do Espírito Santo, o culto ao Espírito Santo originou-se na Antiguidade. Entre os israelitas, a Festa de Pentecostes era celebrada cinquenta dias depois da Páscoa, sendo uma das quatro festas importantes do calendário judaico: Páscoa, Omar, Pentecostes e Colheitas. Sob a forma de festividade, o culto ao Divino, no sentido que iria adquirir mais tarde, teve início na Idade Média, na Itália, com um contemporâneo de São Francisco de Assis, o abade Joachim de Fiori (morto em 1202), que ensinava que a última fase da história seria a do Espírito Santo. Suas idéias chegaram à Alemanha e se espalharam pela Europa. A primeira celebração do Império do Divino, provavelmente, teria ocorrido em Alenquer, por influência dos franciscanos, uma vez que foi ali que os mesmos fundaram o primeiro convento em Portugal. A responsável por essa institucionalização em solo português foi a rainha Santa Isabel, esposa do Rei D. Diniz, que mandou construir a Igreja do Espírito Santo. A partir dali o culto expandiu-se, inicialmente pelo território português (Aldeia Galega, Sintra, Tomar, Lisboa) e, posteriormente, acompanhou os portugueses nas terras conquistadas. No Brasil, foi introduzida, provavelmente, no século XVII, sendo a figura do imperador do Divino – criança ou adulto – escolhido para presidir a festa. (Disponível em www.festadodivino.org.br, acesso em: 30/06/2010).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Os preparativos para a realização da festa do capitão do mastro, em Natividade demandam o envolvimento dos festeiros, do grupo familiar, de políticos, de amigos, de instituições eclesiais, públicas e particulares, e demais devotos do Divino Espírito Santo, da comunidade nativitana.

O envolvimento destes grupos pode ser verificado em diversas ocasiões e espaços, como descreve o capitão do mastro José Monteiro de Carvalho:

[...] Essa festa do capitão é uma festa popular muito grande. A gente é sorteado como festeiro, mas quem faz a festa é a comunidade. É uma arrumação muito grande, tem que depender muito do povo, da família porque senão não dá conta de fazer. [...] quando eu caí como festeiro a primeira arrumação foi nós botamos uns porcos no chiqueiro pra engordar um ano antes da festa. [...] Na época da festa foi praticamente um mês ou mais que nós não tivemos outra atividade a não ser preparando a festa, a arrumação. Nós começamos a fazer bolo uns vinte dias antes da festa. Minha mãe fez uns duzentos litros de licores. Eu fui com meu irmão pra fazenda pra mexer com os porcos, matar vacas, matamos dez vacas para fazer paçoca [...]. O povo ajuda bastante tanto financeiramente como o trabalho. Até o mastro foi uma escola, as professoras que assumiu a responsabilidade de enfeitar. A madeira do Mastro foi meu sogro que trouxe, ele mesmo cortou e deixou aqui na frente de casa. [...] A cera de abelha para fazer os rolos para alumiar o cortejo foi o pessoal do sertão que ajudou a arrumar e outra parte foi a Simone que arrumou que veio da Bahia e minha mãe fez os rolos de algodão fiando tudinho no fuso. [...] A prefeitura ajudou com combustível. [...] Sem a ajuda da comunidade festeiro nenhum faz uma festa dessa. (JOSÉ MONTEIRO CARVALHO, 30/05/2009).

Também, na missa solene do capitão do mastro, oficiada na noite do sábado que antecede a festa de reinado do imperador do Divino, ocasião em que o capitão e a rainha do mastro, no altar da Igreja, fazem os agradecimentos pode-se certificar tal envolvimento:

[...] Sou muito grato a Deus em dar essa graça em estar festejando o Divino como Capitão do Mastro. Primeiramente eu quero agradecer a minha família porque sem ela não seria nada para realizar esta festa. Quero agradecer a todos desde aquele que me deram um litro de refrigerante, aquele que me deu gado eu agradeço a todos por igual do fundo do meu coração porque sem a ajuda da população não é possível a gente realizar um evento tão bonito como este do Divino Espírito Santo. Quero agradecer o pessoal do outro lado rio que tanto me ajudou em nome de Valmir da Boa Esperança. As boleiras em nome de dona Elny, na pessoa de Dário [inaudível] Agradecer [inaudível] que sempre nos ensinou [inaudível] durante essa caminhada em prol do



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Divino Espírito Santo [inaudível]. (JOSÉ MONTEIRO CARVALHO⁴, 30/05/2009).

Percebe-se nesta descrição que o capitão do mastro é o personagem mais importante, nesse ritual, visto que é dele, juntamente com os familiares, a responsabilidade pela efetivação da festa que começa a ser preparada muito antes do dia da sua realização e que, além dos recursos humanos, a mesma mobiliza uma série de recursos econômicos e simbólicos, local e regionalmente. Observa-se que é necessário tempo para que seja encaminhada uma variedade de providências em relação ao evento, a fim de angariar recursos para uma celebração marcante.⁵

Finda a celebração religiosa, os participantes se dirigem à residência do capitão e da rainha para buscar o mastro e em cortejo rumarem à Igreja.

O símbolo do capitão é um mastro de madeira, com aproximadamente seis metros de altura,⁶ enfeitado com bandeirolas vermelhas e brancas e com o estandarte do Divino no alto, ornamentado nas mesmas cores. É neste instrumento que o capitão, juntamente com a rainha do mastro, sobem e são levados pelo povo, de sua casa até a porta da Igreja Matriz.

O mastro é armado e enfeitado com antecedência, permanecendo à frente da casa do capitão. Enquanto os devotos participam da cerimônia religiosa, na Igreja, o grupo de tocadores e dançadores de sussa⁷ os aguardam em frente à casa do capitão do mastro. Na festa do capitão do mastro, os instrumentos musicais utilizados

⁴ Capitão do mastro do Divino Espírito Santo de 2009.

⁵ Um destes preparativos que demandam dedicação e tempo é a confecção de lembrancinhas. Normalmente costuma-se ornamentar pequenas garrafas destacando a cor vermelha e a pomba do Divino. Contém nestas micro garrafas licores de frutas regionais. As lembrancinhas também são objetos simbólicos bastante disputados pelos participantes da festa.

⁶ A árvore é nativa

⁷ A sussa consiste em uma dança de roda; em cujo centro os dançarinos e as dançarinas movimentam-se ao som dos instrumentos musicais. São movimentos de sensualidade, impetuosos e provocativos, em que homens e mulheres giram seus corpos em uníssono. A sussa é dançada em vários espaços nos festejos religiosos que acontecem em diversas cidades do Tocantins, tais como: em Santa Rosa, em Paranã, em Peixe, em Conceição do Tocantins, Natividade, Monte do Carmo, entre outras.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

pelo grupo de sussa são o pandeiro, o tambor pequeno, também chamado de tamborim⁸ e o tambor grande de madeira conhecido como cuíca⁹.

Quando os devotos chegam à casa do capitão para fazer a “levantada do mastro” o grupo de sussa os aguardam cantando e dançando, como mostra a imagem (Fotos 1) ou como expressa Felisberta, dançadeira de sussa, “cantando e zuando”.

*Jacaré tava na lama
de baixo da samambaia
Quero conversar com a moça
e essa véia me atrapalha.*

Há ainda outras cantigas, que expressam brincadeiras jocosas:

*É pau, é pau é pau de cuié.
A briga do homem é pro mode muié
É pau, é pau é pau de cuié.
A briga do homem é pro mode muié.*

Os versos sucedem-se:

*Vila da Barra¹⁰ virou bananal
Ainda ontem eu comi bananinha de lá
Vila da barra virou bananal
Ainda ontem eu comi bananinha de lá
Mas virou, virou, virou bananal
Ainda ontem eu comi bananinha de lá*

Com essas cantigas e tocando os tambores, o grupo de tocadores e dançadores de sussa segue à frente durante o cortejo de carregamento do mastro, como eles dizem: “nós vamos abrindo a caminhada em direção à Igreja” e prosseguem sempre

⁸ Feito de barro e couro de gado. No Dicionário do Folclore Brasileiro, Câmara Cascudo (1988, p. 737) define o tamborim como tambor pequeno, com a pele de um só lado, tocado a mão e seguro pela esquerda. Foi, também, com a gaita de sopro, um dos primeiros instrumentos europeus vindos para o Brasil. Na Carta de Pero Vaz de Caminha, abril de 1500, mencionam-se o tamboril, encantando os Tupiniquim, que o ouviram pela primeira vez.

⁹ Também conhecida como guariba, ronca ou onça, devido ao som agudo que produz. A cuíca é um instrumento que produz um som marcante. Utiliza-se um pedaço de tronco de árvore oco, tampado com couro de um lado das extremidades contendo uma vareta no centro interno. O instrumento é tocado por dois homens, sendo um no lado da frente, montado na cuíca que bate a extremidade de couro e outro abaixado atrás, manipulando a vareta amarrada num barbante preso no tampo da frente produzindo o ronco parecido com o ronco de uma onça.

¹⁰ Vila da Barra é um povoado situado no município de Natividade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

à frente, durante o cortejo, fazendo paradas e tocando os tambores. Quando a multidão se aproxima eles correm para frente, até chegar à porta da Igreja. Costa (2008) em sua pesquisa no município de Arraias (TO) mostra que no levantamento do mastro, durante a festa de Nossa Senhora dos Remédios naquela localidade, mulheres e homens também dançam a sussa. Também em Natividade um dos aspectos que atrai a atenção dos participantes durante o ritual é a performance das mulheres, quando dançam, equilibrando uma garrafa sobre a cabeça. Na pesquisa *A roda de São Gonçalo na comunidade quilombola da Lagoa da Pedra em Arraias (TO)*, Teske (2008) mostra que a sussa é parte integrante da Roda de São Gonçalo, praticada por aquela comunidade. Estas pesquisas revelam que a sussa é uma dança presente nas variadas festas religiosas dos municípios tocantinenses e não somente nas festividades do Divino.



Foto 1 - Mulheres dançando sussa ao lado do mastro, em Natividade, em 30 de maio de 2009.



Foto 2 – Cortejo do mastro acompanhado pela multidão que transporta iluminação especial, em Natividade, em 30, de maio de 2009.

Fonte: Auro Giuliano – acervo Fundação Cultural do Tocantins.

Ao chegarem à frente da casa dos festeiros, os devotos pegam o mastro e colocam o capitão e a rainha sobre o mesmo, ocupando assim lugar de destaque. Em um clima de profunda descontração, inicia-se o cortejo pelas ruas da cidade (Foto 2). Logo atrás a multidão acompanha o carregamento do mastro, tendo à frente o grupo de sussa.

Ao longo deste percurso de idas e voltas o povo diverte-se acompanhando a comitiva que carrega o mastro, ao som de instrumentos musicais, como a sanfona, a zabumba e o triângulo. Além dos fogos de artifícios que pipocam sem cessar, o cortejo é iluminado por rolos de cera de abelha enrolada em uma vareta, que são carregados pelos participantes, como mostram as imagens. Varazze (2003, p.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

250) destaca que o símbolo é sempre eficaz; as velas usadas na procissão da festa da Purificação da Virgem são mais que objetos que iluminam, são representação das três substâncias que existiram em Cristo. Como explica o autor:

a cera é representação da sua carne que nasceu da Virgem Maria sem corrupção da carne, da mesma maneira que as abelhas fabricam cera sem impurezas; a mecha escondida no círio é representação de sua alma cândida escondida em sua carne; o fogo ou luz é representação da divindade, porque nosso Deus é fogo que consome.

Para o capitão e para os homens que carregam o mastro são oferecidas doses de cachaça. Os festeiros em cima do mastro precisam se equilibrar, uma vez que os carregadores fazem o mastro parecer um barco navegando em alta tempestade. Os movimentos parecem bruscos: inclinam, abaixam, elevam, ora correm para frente, ora para trás, recuam, sacodem para lá e para cá.

Quando chegam à Praça da Igreja Matriz de Nossa Senhora de Natividade, abaixam o mastro, fixando-o em pé e os festeiros descem. Nesta ocasião, os sinos badalam e os fogos de artifícios estouram no céu anunciando que o mastro foi levantado.

Um pouco afastado do local onde o mastro é levantado, o grupo de sussa recomeça o batuque. Rapidamente a multidão se aglomera ao seu redor. Os tocadores cantam uma cantiga comunicando ao imperador que a bandeira do mastro foi levantada:

*Imperador, imperador
A bandeira do mastro se levantô
Ave Maria, ave-maria
corpo de Cristo que é nossa guia
Imperador, imperador
A bandeira do mastro se levanto
Ave Maria, ave-maria
corpo de Cristo que é nossa guia*

Sequencialmente os cantadores e tocadores cantam uma cantiga de modo provocativo, para que os festeiros entrem na roda da sussa. A cantiga, ao som dos tambores, é vibrante e empolga os participantes, que cantam juntos:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

*Quero vê, quero vê
O capitão do mastro dançar
Eu não vi, eu não vi o capitão dançar
Quero vê, quero vê
O rainha do mastro dançar
Eu não vi, eu não vi a rainha dançar*

Atendendo o coral, o capitão e a rainha entram na roda dançando sussa. Após a dança dos festeiros, os cantadores cantam outra cantiga expressando que o capitão e a rainha já cumpriram com a sua “obrigação” de dançar:

*Eu já vi, eu já vi
O capitão do mastro dançar
Eu já vi, eu já vi
A rainha do mastro dançar*

Depois disso os tocadores cantam mais algumas cantigas; algumas destas pronunciam o nome de pessoas que estão ali presentes, fazendo o chamamento para que entre na roda:

*Quero vê, quero vê
O pessoal dançar
Eu não vi, eu não vi o pessoal dançar
Eu já vi, eu já vi
O pessoal dançar*

No clima descontraído muitas pessoas dançam a sussa e depois o capitão juntamente com a rainha fazem o convite público para a festança em sua casa. Posteriormente, o povo retorna à casa do capitão do mastro, quando são distribuídas as comidas e as bebidas, regada com fogos de artifícios e com forró noite adentro. Uma variedade de bolos, biscoitos, paçoca de carne de sol e licores são distribuídos e muitas pessoas costumam armazenar bolos e biscoitos em sacolas para levar para casa. Até pouco tempo a festa se estendia por toda a noite, indo até ao amanhecer. Todavia, a partir de 2007, a festa tem o término às três horas da madrugada.

Segundo relatos, esta mudança foi devido à interferência do pároco, que pressionou o judiciário local no sentido de inibir a festa até o amanhecer, alegando que a missa do imperador, no dia seguinte - Domingo de Pentecostes, - sempre atrasava



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

devido às pessoas estarem festejando. O fato é que o Juiz de Direito e Diretor do Foro da Comarca de Natividade, Milton Lamenha de Siqueira, no uso de suas atribuições e respaldado na Lei nº 8.069/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente, baixou a Portaria nº 2/2007, em 1 de março de 2007, para disciplinar a entrada e permanência de crianças e adolescentes em locais de diversões públicas, tais como bailes, bares e congêneres, bem como as festas tradicionais do município. Embora não se referisse propriamente à festa do Divino, de certa forma esta Portaria impôs uma disciplina social e moral, atingindo os divertimentos dos segmentos populares durante esta festividade. Observei que de modo geral as pessoas acreditam que esta Portaria coíbe a realização das festas, entre elas a do capitão do mastro do Divino, entendendo que a permanência das pessoas nesta festa independe da idade e deverá durar até ao máximo às três horas da manhã. Daí a tônica: “antes a festa do capitão do mastro ia até o amanhecer, mas o padre proibiu e agora só vai até as três da manhã”.

Um dos melhores exemplos de política de controle e cerceamento da festa do Divino, no século XIX é mostrado na pesquisa de Abreu (1999), *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Ao debruçar sobre uma vasta pesquisa documental referente ao período imperial, no Rio de Janeiro, a autora mostra que a festa do Divino, no campo de Santana, representava ocasião de divertimentos para variados segmentos sociais, configurando-se em significativo espaço de sociabilidades. Mas, foi também nesta festividade que foram adotados, pela administração pública e religiosa, variados mecanismos de controle com vistas a implantar um modelo de civilização, buscando construir uma cidade moderna. Ao mostrar as tensões pertinentes àquelas normas cerceadoras, a autora, entre outras questões, reflete sobre a intolerância, bem como sobre o processo vivido pelos africanos escravizados e afro-brasileiros na sociedade carioca.

Também o universo da festa do capitão do mastro, em Natividade é permeado por diversas ambivalências, tensões e cerceamentos. Contudo, essa prática cultural religiosa expressa uma estratégia que a sociedade local reordena, delimitando espaços de sociabilidades e ressignificando o ciclo da festividade a cada ano, favorecendo o sentimento de pertencimento da comunidade local e regional.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Referências:

ABREU, Martha. *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

AZZI, Riolando. *A cristandade colonial: mito e ideologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.

COSTA, Magda Suely Pereira. *Poder local em Tocantins: domínio e legitimidade em Arraias*. Tese (Doutorado em Sociologia). UnB, Brasília, 2008.

Festa do Divino Espírito Santo de Mogi das Cruzes. Disponível em www.festadodivino.org.br > Acesso em 30 de junho de 2010.

MESSIAS, Noeci Carvalho. *Religiosidade e devoção: as festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade, TO*. Tese (Doutorado em História). Goiânia: UFG, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O império em procissão: ritos e símbolos do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

TESKE, Wolfgang. *A Roda de São Gonçalo na comunidade quilombola da Lagoa da Pedra em Arraias (TO): um estudo de caso de processo folkcomunicacional*. Goiânia: Kelps, 2008.

VARAZZE Jacopo de. *Legenda áurea: vidas de santos*. São Paulo: Cia da Letras, 2003.